

# ETNOGRAFIA E COMUNICAÇÃO INTERSENSORIAL: A CONCRETUDE DO GOSTO NA FEIRA DO GUAMÁ

## *ETHNOGRAPHY AND INTERSENSORY COMMUNICATION: THE CONCRETENESS OF TASTE AT THE GUAMÁ MARKET*

Marina Ramos Neves de Castro<sup>1</sup>

### Resumo

O objetivo deste trabalho, é discutir a relação entre a comunicação intersensorial na conformação do gosto vivenciado na feira do Guamá. O trabalho parte de uma etnografia sensorial (Pink, 2010; 2009 [2017]) realizada entre agosto de 2011 e agosto de 2017. Foi utilizado como procedimento teórico-metodológico a fenomenologia de Gadamer (1976) e de Merleau-Ponty (1945), procurando estabelecer uma fusão entre a reflexão etnográfica e a *redução*, ou a descrição fenomenológica, com o objetivo de escavar os sentidos das interações sensoriais a partir dos processos de comunicação dos sentidos do corpo e produzidos através dele nas formas de interagir na feira do Guamá (Belém-Pará) e, a partir de então, na conformação do gosto ali vivenciado. Ou seja, procuramos compreender como o gosto na feira é produzido a partir dos processos cognitivos percebidos pelo corpo e, ao mesmo tempo, produzido pelos sentidos no seio das interações ali produzidas, gerando processos comunicacionais e, participando, assim, do engendramento e das sociações ou formas sociais (Simmel, 1983, 2006; 2013) ali geradas. Diferencia-se de abordagens metodológicas anteriores ao focar especificamente no gosto como resultado da comunicação intersensorial.

**Palavras-chave:** Etnografia sensorial. Comunicação intersensorial. Interação. Gosto. Forma social.

### Abstract

The aim, with this work, is to discuss the relationship between intersensory communication in shaping of the taste experienced at the fair in Guamá. This work is based on a sensory

---

<sup>1</sup> Doutora em Antropologia. Diretora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará. Líder do Grupo de Pesquisa Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades Amazônicas - SISA (CNPq), Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6636359546031674>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3065-270X> e e-mail: [marinacastro@ufpa.br](mailto:marinacastro@ufpa.br).

ethnography (Pink, 2010; 2009 [2017]) carried out between August 2011 and August 2017. We use the phenomenology of Gadamer (1976) and Merleau-Ponty (1945) as a theoretical-methodological procedure, seeking to establish a fusion between ethnographic reflection and reduction, or phenomenological description, in order to excavate the senses of sensory interactions at starting from the communication processes of the senses of the body and produced through it in the ways of interacting at the fair in Guamá (Belém-Pará) and, from then on, in the conformation of the taste experienced there. In other words, we try to understand how taste at the fair is produced from the cognitive processes perceived by the body and, at the same time, produced by the senses within the interactions produced there, generating communication processes and, thus, participating in the engendering and societies or social forms (Simmel, 1983, 2006; 2013) generated there. It differs from previous methodological approaches by focusing specifically on taste an outcome of intersensory communication.

**Keywords:** Sensory ethnography. Intersensory communication. Interaction. Taste. Social form.

## 1 UMA ETNOGRAFIA SENSORIAL INTERACIONAL

Parte da fundamentação teórica aqui apresentada retoma discussões desenvolvidas em publicações anteriores da autora (Castro, 2021; 2024; 2024b; 2025), sendo aqui aprofundadas e aplicadas ao contexto empírico da venda de pechinchas na feira do Guamá.

Ver, pegar, escutar, cheirar, sentir, aproximar todo o corpo e a mente é um encontro intenso, porque levamos nossos sentidos, aqueles do corpo, a encontrar os sentidos do outro, inclusive os sentidos emanados pela experiência corporal do outro. E, desta maneira, a intensificar uma partilha intersensorial de vivências, ou seja, uma partilha daqueles *estares no mundo*, múltiplos, diversos, plenos de sensações e sentidos.

Sentei-me entre as duas vendedoras, que, naquele dia, encontravam-se ali, na calçada da av. José Bonifácio, espaço onde as vendedoras de pechincha expõem suas mercadorias. A calçada é larga e, para não causar problemas com os passantes e com as lojas do lugar, as vendedoras de pechincha se colocam coladas à vala, onde estendem um tecido para expor suas mercadorias. Sentimos o odor da vala, dias mais fortes, dias mais fracos.

Em uma quarta-feira ensolarada, ali estavam Madalena e Vanessa, sentadas no batente da loja de material de construção, uma beirada possível, visto que logo às nossas costas estavam os latões de tintas à venda, empilhados uns sobre os outros. Era um espaço que o dono da loja e demais funcionários acabavam concedendo para as vendedoras - na sua

totalidade mulheres - de pechincha descansarem ou passarem seu tempo, exporem e venderem suas mercadorias. As duas, a princípio, parecem ter o mesmo perfil sócio-econômico-cultural, além de serem, ambas, a princípio, desconfiadas, caladas, mas gentis. Mal começamos uma conversa e Vanessa levanta-se para atender uma freguesa. Assim, ficamos com Madalena, que, conforme o tempo vai passando, conforme vamos trocando impressões banais, ela vai relatando um pouco daquilo que vivencia no seu cotidiano,

*Mana, porque, eu... eu assim, o que eu gosto... porque na verdade eu venho trabalhar para cá, é pra mim... para eu adquirir o alimento lá pra casa, entendeu?! Aí, compro as coisas para levar... porque eu tô com a minha mãe... que eu moro com a minha mãe... e a minha mãe tá doente, aí eu que tenho que... moro com ela e tenho mais dois filhos, né?! Então eu praticamente sou pai e mãe deles, aí, quer dizer com a minha mãe doente, muito doente, aí eu tenho que vim trabalha pra cá para eu compra o alimento pra leva, entendeu?! É isso que... (Mariana em 21 dezembro de 2016).*

Quando perguntamos qual o gosto da feira, ela me diz:

*[...] eu gosto de trabalhar aqui, gosto muito... até porque os problemas que eu tô passando na minha vida, aqui me distrai muito [a ênfase em algumas palavras é bem maior, como em muuuuito] sabe, muito mesmo. Porque só deus sabe o que eu tô passando na minha vida... agora, eu tava conversando com ela [e olha para a amiga que já levantou, mas está próxima] que a gente tem mesmo que se....se.... olhar para deus, né?! Falar para deus o que a gente tá passando, o que tá acontecendo na nossa vida... então eu tô passando por um momento aí muito difícil. Sabe, muito difícil... financeiro, com enfermidade... é que a minha mãe está muito doente... ela tá toda inchada... tá um caos lá em casa... (Madalena em 21 dezembro de 2016).*

A venda, a necessidade, a fome, o prazer, o encontro, a conversa, o estar ali começavam a tomar uma forma à minha percepção, fui aqui e ali na feira, tateando, procurando compreender do que eles falavam para além daquilo que poderíamos enxergar movidos por nossos conceitos, aqueles acadêmicos que nos constroem para nos tornarmos pesquisadores. Queria compreender se partilhavam de algo e como o faziam, muitas vezes sem o saberem, e porque para ali iam, muitas vezes, com grande vigor, com uma necessidade que estaria para além do material, de suprir algo físico, como a fome, a necessidade de ganhar dinheiro, ou outra qualquer necessidade iminente; mas que pareciam se abalizar em escolhas subjetivas, que acalentassem algo de imaterial para a escolha de ali estar.

De modo repentino, muita gente acerca-se das roupas, e Madalena também sai para atender. Fico afastada, olhando a movimentação, pois já são quase dez da manhã e o movimento está mais intenso. Chegam duas moças, Darle e Mari, que vieram trocar um vestido comprado da Vanessa; não dá para devolver, mas dá para trocar. Enquanto Darle discutia e via quais as possibilidades de outras peças de vestuário ali disponíveis que poderia

trocar e levar de Vanessa, Mari sentou-se ao meu lado ao azar; estava vago o lugar, e ela não queria esperar a amiga, que demorava muito nas escolhas, em pé. Assim, pude estabelecer uma troca com ela, ou melhor uma comunicação intersensorial a partir de nossa conversa com ela.

Mari está com um vestido preto, em elastano, todo rendado, acima e abaixo do busto, em renda de elastano transparente. Quem a vê, de vestido preto, todo rendado, saia rodada, ainda que cobrindo o ombro, é todo vazado, deixando este de fora, podemos dizer que Mari está pronta para um evento noturno, tal é o grau de sofisticação visual na sua indumentária. Mas é apenas uma quarta-feira, 10h da manhã, em um dia ensolarado, quando ela decidiu ir à feira com a amiga para comprar algumas dessas coisas que se compra na feira e, dentre essas coisas que se faz na feira, fora também trocar um vestido comprado, dias anteriores, na pechincha da feira do Guamá, que fica na esquina da av. José Bonifácio com a av. Barão de Igarapé Miri, ponto de referência do Bairro do Guamá e um dos lugares mais nobres do mesmo.

Procurei superar o espanto, ou o meu estranhamento, ou ainda certo sentimento de incômodo, do sem-sentido diante daquelas informações, que, aparentemente, não combinavam. Espantamentos e/ou estranhamentos são contumazes em campo quando se faz etnografia, afinal o *eu* encontra o *outro*, o *diferente*; esse encontro com o outro, esse processo, que, segundo Ricoeur (1973), produz uma fusão de horizontes, do pesquisador, o *eu*, e o dos pesquisados, o *outro* é o que produz a alteridade, pois não trata-se apenas do encontro com o outro, mas, e talvez principalmente, do encontro consigo mesmo. Uma autodescoberta provocada pelo processo, pois assim o entendo, de alteridade.

Assim, trocamos nossas impressões, nossas sensações e nos comunicamos intersensorialmente, utilizando, para isto, os sentidos, aqueles que habitam o corpo que é *medium*, produtor e receptor concomitante das informações que nos invadem pelos olhos, ouvidos, olfato, tato e pela sinestesia provocada por estar ali, naquele ambiente, experienciando essas informações sensoriais e produzindo uma comunicação intersensorial entre o eu e o outro. E se, enquanto pesquisadores fazemos isso, consciente de que os sentidos do corpo corroboram para a construção de conhecimento e, portanto, tornando-os relevante para esta construção – e aqui já evocamos Pallasmaa (2010), acreditamos que a partir de uma etnografia sensorial (Pink, 2010; 2009 [2017]) podemos melhor compreender os processos sociais que pesquisamos.

Enquanto conversamos, a amiga de Mari aproximou-se, trazendo um sapato, seminovo, rosa-vinho, bonito; queria que Mari o visse e a ajudasse na escolha. Olharam, trocaram algumas palavras, nada evidentes, algumas menções com o corpo que não conseguia decifrar; olhares e gestos se impõem entre elas, alguns segundos longos de silêncios me deixavam desconfortável, como se eu fosse ali uma intrusa e elas precisassem conversar sem que eu percebesse o que conversavam; todo um diálogo se processava, um diálogo intersensorial do qual, ali e naquela momento, eu fui excluída.

Darle volta na direção das roupas estendidas em cima de um tecido no chão, próximo à vala. Minutos depois, volta trazendo mais um vestido, rosa, em tafetá, revestido na parte que cobre o busto com flores feitas à mão, em alto relevo, uma espécie de brocado, a saia é justa, e o vestido deve acompanhar o feitio do corpo. É um vestido que deve ser usado em um evento especial, um aniversário, o Natal, algo que demandasse um “preparo no visual” comenta Mari... elas não me falam, quase me ignoram ali ao lado. A amiga coloca o vestido sobre o corpo, joga levemente o quadril para frente, a fim de olhar melhor o vestido sobre o corpo; como ali não tem espelho grande – vez ou outra aparecem uns minúsculos - onde ela pudesse se olhar com o vestido sobre o corpo, ela toca e alisa o vestido com a mão direita, enquanto o segura com a esquerda; passa a mão do seio em direção ao quadril, como se para assentá-lo melhor ao corpo, ainda que por cima do vestido que porta; elogia o vestido, coloca a mão na cintura sobre o vestido como se o tivesse portando, e observa que talvez fique grande..., mas, em aparente oposição, coloca

*... vai ficar curto...  
... mas tem bainha... dá pra aumentar a bainha... olha ... vira o vestido...  
... Só que o outro é muito mais bonito!  
Não. Tá claro aqui...  
Não. tem uma mancha aqui...  
Num vai saí...<sup>2</sup>*

Se olham... olham o vestido.... Olham a mancha.... Se olham novamente. E fazem isso diversas vezes. E a comunicação se faz sem nenhuma palavra. Apenas olhares, expressões faciais, pequenas paradas de respirações, respirações mais enfáticas, pequenos sons não definidos com a boca, rotação de corpo, de ombro, movimento de braços e de pernas, levantamento dos braços para melhor ver o vestido, virando-o para um lado e outro. Tudo, menos palavras. São profusões intensas de comunicação intersensorial, provocadas pela visão, pela audição, pelo tato, pelo olfato – o odor da vala (ainda esgoto a céu aberto) convida a

---

<sup>2</sup> Diálogo entre Mari e Darle no dia 21 dezembro 2016.

freguesa a se deslocar ao interior da calçada, onde a amiga está sentada – e, sobretudo pela sinestesia que se processa naquela vivência, é a isto que venho chamando de comunicação intersensorial, que se processam em alguns segundos mas que parece devorar o corpo de quem vivencia, pois essa comunicação é vivida com o corpo e seus sentidos.

Falo, “*Será que isso não sai?*”. Não me dão confiança... Acho que não me escuto. Insisto mais uma vez, mas fico sem resposta. Ainda que aparentemente elas não me escutem, observo que há um diálogo triangular quase silencioso, com pequenas interjeições... pergunto, mas o pensamento de ambas estão em um outro diálogo, segue longe, elas continuam sem me dar atenção... os olhares, as frases cortadas, as interjeições, as expressões faciais e corporais acabam falando sobre esse gostar e esse gosto.

Não existe, de fato, comportamentos corporais fora das experiências que são aquelas da temporalidade. Estes últimos podem ser extremamente tributários do passado (...), mas também voltados para um futuro (...). Não há corporeidade em si, mas atos que oscilam entre o lento e o acelerado, atos suscetíveis de se repetir, mas também de se improvisar cada vez de maneira singular<sup>3</sup> (Laplantine, 2017, p. 39).

Assim, observamos que essa comunicação intersensorial é uma coisa mais sentida pelo corpo, mais intuída como resultado de processos cognitivos produzidos pelo conhecimento provocado pelo corpo, que está na sutileza no movimento do corpo, no movimento da voz, nas percepções construídas. Há um conjunto de elementos no diálogo que funcionam combinando-se: olhares, expressões faciais e corporais, expressões faladas, interjeições; tudo isto junto para se decidir, naquele caso, se se ficaria ou não com o vestido de tafetá, que se procurou apreciar não somente com o olhar de quem comprava, mas com o toque e com o olhar de quem aprovava a comprar; ou ainda se a troca se daria pelo sapato.

Darle deixa-nos novamente e volta para o conjunto de roupas ofertadas na calçada, à beira da vala. Estamos por volta de uns três metros em relação às roupas. Já estamos a sós novamente, e pergunto para Mari do que ela mais gosta na feira, “*O que eu mais gosto?* [pensativa, mas nem tanto]. *De comprar!*”<sup>4</sup>. Joga levemente a cabeça e o cabelo na diagonal para sua direita, para trás e para cima, os ombros acompanham levemente o girar da cabeça e do cabelo; ela o faz a partir de modos de socialização aceitos (Laplantine, 2017), seu

---

<sup>3</sup> Como no original : « Il n'existe pas, en effet, de comportements corporels en dehors d'expériences qui sont celles de la temporalité. Ces dernières peuvent être extrêmement tributaires du passé (...) mais aussi tendues vers un avenir (...). Il n'existe pas de corporeité en soi mais des actes oscillant entre le ralenti et l'accélééré, des actes susceptibles de se répéter mais aussi de s'improviser chaque fois de manière singulière. » (Laplantine, 2017: 39) Tradução livre da pesquisadora. Retomamos neste artigo Laplantine como referência central para discutirmos a intersensorialidade.

<sup>4</sup> Mari, em entrevista com a pesquisadora em 21 dezembro 2016.

movimento é um ato comunicativo, faz parte do nosso diálogo e da projeção de sentidos que ali ocorrem, pois ela dialoga comigo também através de seus trejeitos corporais e de suas expressões, das expressões que escolha e das entonações dessas expressões. São significações, sentidos e traços (Derrida, 1979) não verbais, que se manifestam e que corroboram para a construção de um gosto, o qual ali é partilhado. São nessas interações que se sedimentam conhecimento, ratificam-se valores, assim como os transformam. É aí que a comunicação construída pelos sentidos do corpo e pelas percepções do já vivido é que conformam aquela sociedade da qual aqui estamos falando, a feira do Guamá e o gosto que nele se reverbera.

Neste artigo, saliento que a alternância entre a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural reflete a própria fenomenologia que orienta esse trabalho; dessa maneira, o “eu” expressa a experiência corporal e perceptiva da pesquisadora em campo; e o nós, incorpora a intersubjetividade constitutiva do conhecimento. Ou seja, o pensamento que se constrói com e a partir dos autores e dos interlocutores.

## **2 SENTIDOS, SENSACIONES E PERCEPÇÕES NA OBSERVAÇÃO DO FENÔMENO COMUNICACIONAL INTERSENSORIAL: A CONCRETUDE DO GOSTO**

Deixamos claro que nossa compreensão dos sentidos, das percepções e de seus valores, em sociedade, seria o resultado de uma vivência e experiência cultural, no lugar e na temporalidade examinada (Classen, 1997; Howes, Marcoux, 2006; Corbin, 1990; 1991). Assim, entendemos que

A organização do regime sensorial constitui um dos principais elementos do desenho do imaginário social. O que não significa que este seja tudo simplicidade. Muito pelo contrário [...] Resulta de uma tensão permanente entre a convicção de que os sentidos então batizados de 'social' (Corbin, 1990, p. 18).

A compreensão de que os sentidos e as sensações se tornam um fenômeno social quando, através das ações humanas em interação, produzem-se como fenômenos intersubjetivos, sociais, ganham concretude<sup>5</sup> ou materialidade; ou seja, quando ele é

---

<sup>5</sup> Concretude aqui não tem relação com a materialidade da coisa ou objeto, mas sim, com a existência da coisa em si. Por exemplo, o amor é algo concreto, é quando a coisa ganha vida e está na interação; o som não tem materialidade, no entanto, tem concretude, através da audição, nós o percebemos. Esta coisa pode ter materialidade ou fisicalidade, mas pode ser algo imaterial, não físico, pode ser um desejo, um sentimento, um sentir, uma impressão, uma coisa qualquer que está no mundo e pode ser partilhada. (Castro, 2024) Aqui, trata-se de um aprofundamento do conceito para que possamos interpretar e compreender o que seria nossa proposição de comunicação interssensorial.

percebido, intuído através dos sentidos, quando ele se torna um elemento no processo interativo, quiçá, o resultado da própria interação.

O gosto só pode ser percebido através das escolhas dos agentes que, de maneira consciente ou não, concretizam suas escolhas através da cultura material (Castro, 2024), que é elencada, e, principalmente, do uso desta cultura material, da maneira como se concretiza no uso na experiência social – por exemplo: nas expressões faciais e corporais, nos risos, nas entonações, nos sotaques, nos modos de falar, nas formas de silêncios, nas interjeições, nas maneiras de vestir, no uso que se faz da coisa.

Tornar concreto não se limita apenas a uma cultura material; tornar concreto encarna uma cultura imaterial, de gestos e de falas, de comportamento, de expressões, de performances, de sutilezas, de valores “na medida em que revelam um processo de reflexividade hermenêutica sobre as maneiras como os homens interpretam, sentem, experimentam e vivem suas culturas, sobretudo quando a cultura em questão é a do próprio antropólogo” (Rocha, 2006, p. 107). Assim, estamos falando, aqui, de tudo o que ganha concretude no dia a dia, na quotidianidade, esta pragmática que banaliza nossas ações no dia a dia, visto que “nas condições ordinárias da vida, uma corrente sensorial ininterrupta confere consistência e orientação às atividades do homem” (Le Breton, 2016b, p. 121), que, de tal modo, corrobora para o processo de normatização dos fenômenos sociais, inserindo-os, corriqueiramente, no cotidiano, é porque consideramos que, no fluxo das percepções humanas, aquilo que neutralizamos – que abstraímos das nossas percepções - torna a vida acessível ao “sujeito [que] certamente está longe de ser uma consciência exaustiva dos **stimuli** que o atravessam. Se o tivesse, sua vida seria impossível” (Le Breton, 2016b, p. 121).

Quando evocamos o gosto, as sutilezas, as impressões, os sentidos, estamos evocando a percepção de um mundo a partir da experiência de estar no ‘entre’, ou na ‘fissura’, ou ainda no ‘ma’<sup>6</sup>, para nos aproximarmos desse sentir na feira a própria feira, a fim de podermos evocar a presença de um gosto ali com-partilhado. Partimos da compreensão de Classen de que os sentidos e os significados corroboram na construção no mundo, pois eles

---

<sup>6</sup> “*Ma* é uma estética particularmente japonesa, na qual os aspectos do espaço e do tempo “negativos” não são considerados vazios, mas são considerados expansivos e cheios de energia” (Hahn 2007, p. 53 In Howes, 2013, p. 19). Ainda que procuremos colocar os sentidos do *outro* em evidência, evidenciamos, na verdade, as nossas possibilidades de percebê-los, assim, evidenciamos, também, a nossa percepção sensorial; o pesquisador estaria no “*ma*”, este *entre* si e o pesquisado, este *entre* o pesquisado e o fenômeno, *entre* este e o objeto. Esse conceito vem sendo trabalhado ao longo da pesquisa de Castro (2024; 2024b; 2025; 2025b).

Formam o modelo sensorial, segundo o qual os membros de uma sociedade “dão sentido” ao mundo, ou traduzem as percepções e os conceitos sensoriais em uma “visão de mundo” particular. A modelo adotado ínsita possivelmente contestações no seio de uma sociedade. Pessoas e grupos nem sempre concordam com certos valores sensoriais. Apesar de tudo, o modelo serve de paradigma fundamental à percepção. É o modelo que as pessoas adotam ou ao qual eles resistem<sup>7</sup>. (Classen 1997, p. 402).

Isto fica evidente na postura de Mari quando pergunto o que ela mais gosta na feira, ela observa,

*Não gosto de nada daqui, não! Só venho para acompanhar minha amiga que compra aqui na pechincha. ... Não gosto dessas roupas que vendem ali [dirigindo-se às feirantes que vendem roupas novas vindas do nordeste, em especial, do Ceará]. Eu não gosto disso; só tu vendo o que eu tenho, minhas roupas são de marcas, tenho casaco de couro, blusa de lã de gola alta... compro em brechó<sup>8</sup>.*

Mari mora nas imediações da feira há mais de vinte anos. Ainda que não queria ou não goste, ainda que diga que ali não compre, ela precisa cruzar a feira, passar por ela e a frequenta quase quotidianamente, conhecendo-a “na palma da mão”. A feira faz parte de seu universo mental, ou seja, olfativo – pois ela dali conhece os odores; visual – pois por ali ela transita e a vê diariamente; auditivo – ela acompanha seus sons; táteis – ela a toca com todo seu corpo, inclusive com os olhos; ela vivencia seu paladar – a feira é sua fonte de alimentos e de lá ela faz sua cozinha. Desta maneira a feira faz parte de sua construção estética, seja para afirmá-la, seja para negá-la, seja para utilizá-la como anti-modelo - ainda que só discursivamente, se for e quando for o caso - para si e para o outro.

Dispomos de uma larga escolha de nomenclaturas para falar daquilo que acontece quando os grupos sociais produzem sentidos no trajeto que vai da sensorialidade em direção ao contato com a “carne do mundo” (Merleau-Ponty, 1945), aquela carne da qual participamos da construção, daquela que Mari e Darle, Vanessa e Madalena participam também, dentre tantos outros partícipes daquela forma social feira do Guamá (Castro, 2024; 2024b)<sup>9</sup>.

Compreendemos os sentidos enquanto um processo de produção de cultura, que evidencia a capacidade de adaptação do homem em adaptar-se e, quiçá, transformar sua

---

<sup>7</sup> forment le modèle sensoriel selon lequel les membres d’une même société « donnent un sens » au monde, ou traduisent les perceptions et concepts sensoriels en une « vision du monde » particulière. Le modèle adopté soulève vraisemblablement des contestations au sein d’une société. Des personnes ou des groupes ne s’entendent pas toujours sur certaines valeurs sensorielles. Malgré tout, ce modèle sert de paradigme fondamental à la perception. C’est un modèle que les gens adoptent ou auquel ils résistent. (Classen 1997, p. 402).

<sup>8</sup> Mari, em entrevista com a pesquisadora em 21 dezembro 2016.

<sup>9</sup> Esse conceito vem sendo trabalho por esta autora em 2021; 2024; 2024b 2025.

relação com a natureza ou com o meio onde vive, transformando e construindo o meio onde vive (Godelier, 2010). Mas também compreendemos que, através da cultura material da feira, os feirantes se constroem enquanto feirantes, o freguês se constrói enquanto freguês (Julien; Rosselin, 2005), o passante enquanto passante, o açougueiro enquanto açougueiro, os ambulantes enquanto ambulantes, dentre outras categorias possíveis.

Assim, o objeto comercializado, a roupa, não se limita a si próprio e não se reduz a sua materialidade; ao contrário, de forma ampla, ela se conforma, também, como processo, transformando as relações sociais, as quais se reverberam em estética, gosto e, assim, desempenham também uma função simbólica (Gonçalves, 2007, p. 8). Como assinala Gadamer (1976, p. 485), a esse respeito, “nenhuma palavra [nenhuma coisa] tem sentido sem o seu contexto. Mesmo palavras que se encontram por si... só conquistam o seu sentido em seu contexto”. Ou seja, não é possível compreendermos as coisas de maneira isolada, assim como também não é possível compreendermos o mundo, o estar no mundo, seja o nosso, seja o do outro, sem compreender as coisas inseridas nesse mundo e que o comunicam, tornam-no o que são.

### **3 À GUIA DE CONCLUSÃO**

A vida, na feira, é marcada pela vontade de comer, pela venda, pela troca, pela reciprocidade, por uma interação específica daquela forma social. Fátima, todos os dias, toma café na feira, o café com leite de dona Fabrícia, a Tia Fofa; mas ela não toma só o café com leite; Fátima adora tomar o café com leite de colher, com o copo repleto de farinha de tapioca; ela toma devagar, solvendo o conteúdo da colher. Em uma de nossas entrevistas, Fátima recebeu um saco de farinha de tapioca de presente; isto foi o suficiente para que pudéssemos perceber a relação entre o desejo do espírito em solver pelo paladar aquela mistura, farinha de tapioca com café com leite. Compreendi esse prazer que eu já tinha percebido desde a minha infância, minha mãe, minha avó e minha bisavó tinham o mesmo hábito; e eu mesmo já tomei essa mistura por muitas vezes. É um prazer que o corpo sente a partir da visão e se realiza no paladar.

Concordamos com Gonçalves (2007) quando ele diz que há gêneros discursivos, há formas comunicativas, inerentes aos espaços sociais onde os mesmos reverberam. Assim, também pretendemos evidenciar os gêneros discursivos da feira do Guamá, os quais

ocorreriam, a seguir esse raciocínio, através das interações quotidianas nelas presentes. Para isso, convém observar que esses gêneros não estão limitados às formas de falar e às expressões verbais utilizadas: eles estão presentes, também, nas expressões faciais e corporais, nas performances, nos adornos e nos instrumentos de trabalho, na constituição do ambiente, nos odores, nos sabores, nos sons e nos ruídos, ou seja, em todo elemento partícipe do processo de comunicação. Esses elementos são enunciados que constroem a feira enquanto tal. Por meio deles, é que podemos perceber e tomar a feira enquanto o que ela é, na sua quotidianidade. Através desses elementos e por meio deles, é que nos dirigimos à feira quando queremos “fazê-la”: comprar alimentos ou outros produtos ali comercializados, ou, ainda, quando queremos encontrar amigos, fazer um negócio, interagir, trocar, experienciar a vida naquela forma social (Simmel, 2006; 2013). São elementos que ocupam os espaços sensoriais da feira.

O espaço concedido à feira e ao feirante, esse “locus por excelência da apreciação estética” (Lissoviski, 2011, p. 283) de quem ali vivencia e experiência, é conformado no embrincamento das relações, na interação dos que se apropriam daquele espaço - quando falamos de interação, aqui, é da interação de todos os elementos que conformam a feira, sejam estes humanos/humanos, coisa/coisa, humano/coisa, pois “os objetos, as relações físicas e humanas que eles implicam não podem ser reduzidos a mera materialidade, nem a meros instrumentos de comunicação ou distinção social” (Roche, 1997, p. 11), mas os conformam de acordo com seus ideais estéticos, de sensibilidade e de gosto, ainda que limitados pela oferta disponibilizada a eles. Ou seja, a percepção de espaço e a apropriação deste, refletem uma percepção de mundo que, por sua vez, reflete uma interação, uma sociação, que é uma *forma* de estar no mundo. Reflete, ainda, uma recepção e uma reverberação do universo cultural, no qual a cultura material – ou seja, tudo que aquelas interações produzem – é gerada.

Conforme vou saindo daquele lugar, os sons da feira reverberam-se. E observo, a partir de minha experiência ali, no âmbito da pechincha, é de que o gosto é conformado dentro da própria vivência e experiência social. O que define, no sentido de dar uma forma, o gosto é essa vivência. Bom ou mau gosto será sempre relativo e comparativo. Observamos que o box se constrói enquanto uma instalação de sentidos, de traços (Derrida, 1979); seu significado extrapola o significado isolado dos objetos e coisas ali expostos, ultrapassa o

caráter de comercialização, mas evidencia as valorações de estéticas, de sentido e de gosto de quem as produz e a vê.

As disposições desses elementos juntos; a versatilidade e a proximidade na relação entre feirante e freguês, os arranjos pessoais de cada equipamento, os sons, os odores, os movimentos dos corpos; enfim, uma série de objetos e de coisas que conformam aquela forma social.

Assim, andando pela feira, conversando, experienciando através da vivência do outro, ressaltamos o que Cardoso de Oliveira (2003) observa sobre a transformação do tempo, mas do tempo do pesquisador, aquele tempo apreendido e aprendido, a interiorização do ‘tempo’ não significa outra coisa que a admissão tácita pelo pesquisador hermeneuta de que a sua posição histórica [social, política, de classe] jamais é anulada; ao contrário, ela é resgatada como condição do conhecimento. Conhecimento que, abdicando de toda objetividade positivista, realiza-se no próprio ato de “tradução”. É a “fusão de horizontes” de que fala a filosofia de um Gadamer ou de um Ricoeur<sup>10</sup> (Cardoso de Oliveira, 2003, p. 21).

Somente o tempo, com idas contínuas à feira, ao fazer a feira, ajudaram a despir-me dos preconceitos inerentes à formação do observador, e, sobretudo daqueles oriundos de vivências e experiências passadas. Cada tempo de pesquisa, de reflexão, de cada dia e de cada ida, fazia-se uma conquista do pesquisador na tradução da qual se refere Cardoso de Oliveira (2003); pois do ato de experienciar para o ato de vivenciar, há a necessidade do tempo; pois só o tempo provoca essa fusão de horizontes (Ricoeur, 1979) entre o *eu*, do pesquisador, e o *outro*, do pesquisado.

Vanessa, Madalena, Darle e Mari são aqueles heróis anônimos dos quais De Certeau fala “[...] anônimo que vem de longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco, ocupa o centro de nossas cenas científicas” (De Certeau, 1994, p. 57). Vanessa e Madalena, Darle e Mari são as reverberações culturais temporais encarnadas ou concretizadas em elementos que conformam um estar no mundo e, ao fazê-lo reverberam um gosto; um gosto possível e pertinente àquela forma-feira (Castro, 2024).

Retomando nosso objetivo inicial – discutir a relação entre a comunicação intersensorial e a conformação do gosto na feira do Guamá -, acreditamos tê-lo alcançado ao demonstrar, por meio da descrição etnográfica e da reflexão fenomenológica, como os

---

<sup>10</sup> As remarcas com aspas no interior do texto são remarcas feitas pelo autor.

sentidos do corpo – visão, audição, tato, olfato, e a própria sinestesia – operam simultaneamente nos processos interativos na feira, produzindo e sendo produzidos por uma comunicação que vai para além da verbalidade. Foi possível evidenciar que o gosto, longe de ser uma preferência individual ou meramente estética, conforma-se na própria interação intersensorial entre os sujeitos, os objetos e o ambiente. Dessa forma, a comunicação intersensorial revela-se não apenas como um conceito descritivo, mas como um operador analítico capaz de escavar as camadas sensíveis que constituem as formas sociais (Simmel, 2006) e, particularmente, o estar-junto na feira do Guamá, em Belém do Pará.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO DE OLIVEIRA. **Sobre o pensamento antropológico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

CASTRO, M. R. N. de. As formas sociais do gosto: sensorialidades e sensibilidades na Feira do Guamá. 1. ed. Curitiba: Appris, 2024. v. 1. 398p.

CASTRO, M. R. N. de. Proposições Metodológicas Para uma abordagem sensível na Pesquisa: a etnografia sensorial. In: Francisco Aquinei Timóteo Queirós, Shelton Lima de Souza. (Org.). **Metodologias em pesquisas acadêmico-científicas: subjetividades, afetações e práticas**. 1ed.Rio Branco: Diretor da Edefac, 2025, v. 1, p. 89-99.

CASTRO, M. R. N. de. O vestido vermelho: consumo, cultura material e comunicação intersensorial na feira do Guamá, Belém-Pará. **NOVOS CADERNOS NAEA**, v. 24, p. 125-141, 2021.

CASTRO, M. R. N. de. Etnografia sensorial e experiência sensível: experienciando a carne do mundo. **AMAZÔNICA: REVISTA DE ANTROPOLOGIA (ONLINE)**, v. 13, p. 289-310, 2021b.

CASTRO, M. R. N. de. Comprando na feira: etnografia sensorial e comunicação intersensorial na observação participante. In: Castro, Marina; Castro, Fábio; Rodrigues, Luís Carlos; Ventura, Jússia. (Org.). **Socialidades e Sensibilidades Amazônicas**. 1ed.Belém: NAEA, 2024b, v. 1, p. 11-31.

CLASSEN, C. Foundations for an anthropology of the senses. **International Social Science Journal**, v. 153, p. 401-412, 1997.

CAUNE, J. Le corps, objet de discours, moyen de relation , **Hermès - La Revue**, 2014/1 (n° 68), p. 53-58.

CORBIN, A. Histoire et anthropologie sensorielle. **Anthropologie et Sociétés**, v. 14, n. 2, p. 13-24, 1990.

CORBIN, A. Histoire et anthropologie sensorielle. In : CORBIN, A. **Le Temps, le Désir et l'Horreur**, Paris, Aubier, 1991, pp. 227-240.

DE CERTEAU, M. **A invenção do quotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. Trad. Mirian Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva/Edusp. 1979.

GADAMER, H.-G. **Vérité et Méthode**. Paris, Seuil. 1976.

GODELIER, M. **L'idéal et le matériel. Pensée, économies, sociétés**. Paris, Flammarion – Champs essais, [1<sup>a</sup> ed. 1984]. 2010.

GONÇALVES, J. R. S. Teorias antropológicas e objetos materiais. In: **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônio. Rio de Janeiro: MinC-IPHAN, 2007.

HOWES, D.; MARCOUX, J. Introduction à la culture sensible. **Anthropologie et Sociétés**, v. 30, n. 3, p. 7-17, 2006.

HOWES, D. Charting the sensorial revolution, in **The senses and society**. 2006, 1(1): 113-28.

HOWES, D. (ed.) **Empire of the senses: The sensual culture reader**. Oxford: Berg. 2005.

JULIEN, M-P.; ROSSELIN, C. **La culture matérielle**. Paris: La Découverte, 2005.

LAPLANTINE, F. **Le social et le sensible. Introduction à une anthropologie modale**. Paris: Téraèdre. 2017.

LE BRETON, D. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis, Vozes. 2016a.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo**. Petrópolis, Vozes, 4<sup>a</sup> ed. 2016b.

LISSOVSKI, M. Rastros na paisagem: a fotografia e a proveniência dos lugares. **Contemporanea|comunicação e cultura** - vol.09 – n.02 – agosto de 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **Phenomenologie de La perception**. Paris: Gallimard. 1945.

PALLASMAA, J. **Le regard des sens**. Paris: Éditions du Linteau. 2010.

PINK, S. **Doing Sensory Ethnography**. London: SAGE Publications Ltd. 2009 [2017]

PINK, S. What is Sensory Ethnography In.: **National Center for Research Methods**. Disponível em: <[https://www.ncrm.ac.uk/resources/video/RMF2010/pages/18\\_Sensory.php](https://www.ncrm.ac.uk/resources/video/RMF2010/pages/18_Sensory.php). 2010>. Acesso em: 2 de dez. 2017.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. São Paulo, Martins Fontes. 2011.

ROCHA, G. A etnografia como categoria de pensamento na Antropologia Moderna. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 14-15, p. 99-114, 2006.

ROCHE, D. **Histoire des choses banales**. Naissance de la consommation, XVIIe -XIXe siècle. Paris: Fayard, 1997.

SIMMEL, G. Excurso sobre o problema: Como é possível a sociedade? **Sociologia & Antropologia**. Rio de Janeiro, V.03.06:653-672. Tradução de Lenin Bicudo Bárbara. 2013.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2006.

SIMMEL, G. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In **Georg Simmel: sociologia**. Org. [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho. São Paulo, Ática. 1983.